

## EDITORIAL

### Dossiê Harada

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes  
Organizador<sup>1</sup>

#### 1

Este dossiê traz à memória o pensador *frei Hermógenes Harada ofm* (1928-2009), e seu pensamento. É a gratidão que entoa este trazer à memória, que é, ele mesmo, um empenho de pensar. O pensar acontece, aqui, como uma experiência de uma finitude agraciada. É que para pensar, não nos bastamos a nós mesmos. Precisamos já sempre de outro que nos pro-voque. Precisamos da interpelação daquilo que nos chama ao pensar. Precisamos do diálogo com o outro de nós mesmos e com o outro dos outros também. Como exercício de finitude, o empenho do pensar acontece sempre ao modo de uma finitude agraciada. Por isso, pensar é sempre, de algum modo, agradecer. E, vice-versa, agradecer é pensar. O agradecer se dá desde a memória do coração: é re-cordação. Esta memória remonta não simplesmente ao já passado como fato, mas sim, muito mais, ao ainda vigente na concentração de seu vigor, que recolhido e latente, como possibilidade de ser resguardada no im-pensado, já se lançou rumo ao futuro, nos antecedendo sempre de novo. É esta vigência que nos possibilita responder, sempre de novo, de modo criativo, ao apelo do porvir.

Frei Hermógenes Harada (ou Dai Harada, de nome civil), nasceu em Miyasaki, no Japão, em 02 de outubro de 1928. Seu pai e sua mãe eram budistas convertidos ao cristianismo protestante, os quais, mais tarde, se tornaram católicos. Seus pais se conheceram, jovens mas já viúvos, numa obra social de assistência a crianças abandonadas. De seus pais ele herdou a convicção da exigência de ser útil ao mundo. De seu pai, especialmente, herdou algo como o *ethos* do “espírito ‘missionário’ da Aufklärung-Iluminismo”, que concebia o estudo, o trabalho intelectual, o ensino, como formas de atuar na “construção da humanidade livre, universal”, a respeito de que ele mesmo escreve em seu livro “*De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana*” (p. 13-14)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> E-mail: [maffernandes69@gmail.com](mailto:maffernandes69@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8928-1723>

<sup>2</sup> HARADA, frei Hermógenes (ofm). *De estudo, anotações obsoletas: a busca da identidade humana e franciscana*. Petrópolis / Bragança Paulista / Curitiba: Vozes / IFAN – EDUSF / Instituto de Filosofia São Boaventura: 2009.

Harada veio ao Brasil, juntamente com sua família, em 1936. A convivência com missionários franciscanos junto à comunidade nipônica em Jaraguá-SP e região foi importante para que ele decidisse a se tornar Frade Menor, seguindo e segundo o espírito de São Francisco de Assis. Ingressou no noviciado em 1949 e professou solenemente em 1953. Foi ordenado sacerdote em 1956. Coursou os estudos superiores de filosofia e teologia nos institutos da Província Imaculada Conceição do Brasil (em Curitiba e em Petrópolis, respectivamente).

Foi enviado para colaborar na edição crítica da obra latina de Raimundo Lúlio, na Alemanha (editou dois volumes das *Raimundi Lulli Opera Latina*). Era um profundo conhecedor do pensamento medieval. Alguns de seus escritos na área de medievalística podem ser conferidos em vários números da “Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval”<sup>3</sup>. Se na juventude o interesse por Duns Scotus sobressaía, na maturidade e ancianidade Mestre Eckhart era para ele um grande interlocutor. E não se há de esquecer a presença marcante de Nicolau de Cusa na sua reflexão. Em suas interpretações do pensamento medieval, porém, foi cada vez mais livrando-se da influência da neo-escolástica (recebida na formação inicial nos estudos eclesiásticos de filosofia e teologia). Sua perspectiva era, antes fenomenológico-hermenêutica, e sempre recebia seu vigor da sua compreensão clarividente da cristidade tal como fora experimentada no seio do cristianismo medieval.

São Francisco de Assis era, para ele, um grande pensador do campo da experiência, da ciência e da sapiência da “espiritualidade” ou da “mística”. Para ele, Francisco fora “um dos maiores metafísicos do mundo”<sup>4</sup>. A “*minoritas*” (o vigor do ser menor), para ele, tinha um sentido ontológico, isto é, acenava para uma dimensão “além da metafísica”, uma dimensão originária do horizonte do ser. Aqui o pensamento da espiritualidade ou mística é ele mesmo o vigor da experiência da vida fática na clareira aberta pela liberdade da verdade da “*Altissima Paupertas*” (Altíssima Pobreza), ou melhor, “*Domina Paupertas*” (Senhora Pobreza). Inúmeros comentários de Frei Hermógenes aos escritos das Fontes Franciscanas testemunham o seu empenho em realizar esta interpretação fenomenológico-ontológica do pensamento franciscano originário vigente que tanto tem a dizer para a história da vida do espírito no mundo ocidental<sup>5</sup>. Ao longo de sua vida, em inúmeros encontros, retiros e cursos, ministrados à família franciscana, ele exerceu essa interpretação, não de maneira meramente “teórica”, mas num constante engajamento pela renovação da vida franciscana a partir do contato com suas fontes, com grande tato pedagógico, com simplicidade e concretude existencial, mostrando-se um grande discípulo na tradição da vida do espírito que brota de São Francisco de Assis.

<sup>3</sup> <https://scintilla.saoboaventura.edu.br/scintilla>.

<sup>4</sup> Cf. HARADA, H. A ideia do franciscanismo. In: *Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval*, vol. 11, n. 2, jul./dez. 2014 (escrito póstumo), p. 132.

<sup>5</sup> Cf. alguns escritos publicados de frei Hermógenes Harada: *Em comentando I Fioretti: reflexões franciscanas intempestivas* (Edusf, 2003); *Coisas, velhas e novas: à margem da espiritualidade franciscana* (Edusf, 2006); a publicação póstuma de escritos reunidos sob o título de *Fragments de pensamento humano-franciscano: I Fioretti de fr. Hermógenes Harada* (Org. Ênio Paulo Giachini) (Ed. Bom Jesus, 2016); cf. também manuscritos não publicados e que estão recolhidos no acervo da página *O Legado do frei Hermógenes Harada*: <https://www.freiharada.com.br/index.vm>.

Nisso tudo, sua origem asiática estava sempre vigente. Profundo conhecedor das tradições da vida do espírito asiáticas, especialmente japonesas e chinesas, em suas conversações e em seus escritos sempre de novo minavam sagas, anedotas, ditos, poemas, etc., que ressoavam com sabor oriental desde o torrão natal de que ele era oriundo. O Zen e o pensamento poético do Tao (o Tao Te King, os escritos da tradição de Chuang-Tzu) eram tomados a sério em sua práxis de vida e reflexão, conforme atesta um seu *Diário*, publicado postumamente<sup>6</sup>. Harada praticava várias artes do oriente (Tai Chi Chuang, Chi Kung, Ikebana, etc.). Certa vez, o autor destas linhas se queixava da dificuldade de praticar o Tai Chi Chuang. Ele disse que não era preciso se preocupar, afinal estava praticando o Tai Chi Chuang do ocidente: a filosofia!

Quando estava na Alemanha para trabalhar na edição crítica de Raimundo Lúlio, Harada, que já tinha tido certa descoberta do movimento reflexivo da fenomenologia durante os estudos no clericalato, mediante obra de Dietrich von Hildebrand, encontra-se de cheio com o pensamento fenomenológico de Husserl, mas principalmente de Heidegger, em Freiburg, onde morava. Tal descoberta e tal encontro também tinha advindo a Emmanuel Carneiro Leão, que estudara no Antonianum em Roma, mas que também foi até a Alemanha para estudar com Heidegger. Em 1962, Harada escutou a conferência “Tempo e Ser”, de Heidegger. Pelo resto da vida, o exercício do pensamento de Harada passa pelo diálogo com o pensamento de Heidegger. Entusiasmado pela via fenomenológica do pensar, Harada obtém licença para se dedicar a estudos de doutorado, mas com a condição de terminar os trabalhos de edição crítica de Raimundo Lúlio começados. Dedicava-se exaustivamente a isso, de tal modo que a saúde de seus olhos saiu prejudicada. Terminada a edição crítica das obras começadas, Harada engajou-se nos estudos filosóficos sob a direção de Heinrich Rombach. Ex-aluno de Heidegger, Eugen Fink, Max Müller e Szilasi, Rombach se tornou não só um orientador, mas um estimado amigo no vínculo do pensar. Testemunha-o o artigo que Harada escreveu em homenagem a Rombach, quando de sua morte, num número da *Scintilla*, publicado em 2004<sup>7</sup>. Em 1964, Rombach aceita o convite para ocupar a cátedra de Filosofia I da Universidade de Würzburg. Harada o acompanha e passa a morar naquela cidade. Harada viveu sete anos na Alemanha, quatro em Freiburg e três em Würzburg. Tendo recebido o ultimato do Ministro Provincial de retornar ao Brasil, Harada obedece, sem terminar seu doutorado. Em 1969 retornou ao Brasil e, a partir de então, por 40 anos, exerceu vários serviços como professor nos Institutos da Província (em Petrópolis e em Rondinha/Curitiba), e até na África, em Angola. Sua experiência de vida e sua convivência com pessoas de vários continentes, Ásia, América (Brasil), Europa e África, fizeram dele um homem de grande clarividência nas coisas humanas.

<sup>6</sup> HARADA, H. *Da fidelidade do pensamento – fragmentos de um diário*. Porto Alegre: Evangraf, 2018.

<sup>7</sup> HARADA, H. Heinrich Rombach, memória e gratidão. In: *Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval*, 2004, n. 2, p. 67-96.

Harada esteve aberto às grandes influências dos grandes pensadores da história do pensamento ocidental. Sua originalidade era a sua originalidade. Estava sempre de novo preocupado com o retorno à fonte em tudo quanto refletia. Sua meditação se fazia, então, essencial e radical. Os que aprenderam a pensar junto a ele e com ele puderam fazer, sempre de novo, esta experiência. Algo disso testemunha o livro “Iniciação à Filosofia”, que recolhe postumamente um pouco dos seus escritos de filosofia<sup>8</sup>. Nele, porém, o que se destacava não era a erudição. Como fenomenólogo franciscano, seu pensamento era radical, profundo, amplo, e, ao mesmo tempo, simples, concreto, graciosamente finito. Seu pensamento era sua vida e sua vida era seu pensamento. Como acontecia com Sócrates, era no diálogo vivo que muitos de nós, seus alunos, que experimentamos o vigor de pensar. Nos seus escritos pulsa algo da vitalidade deste pensamento. E, como são obra da vida da vida, podem despertar nos leitores o desejo de se engajar junto “à coisa” do pensar. Em sua vida estava sempre em jogo a busca de “escutar o pensamento” e de ser “bem onto-lógico”, como ele diz em seu *Diário* (p. 48, p. 76).

## 2

Este dossiê recolhe contribuições de vários autores que, de algum modo, tiveram a graça de aprender a pensar a partir do diálogo com o pensamento de Harada, seja pessoalmente, seja através da leitura de seus escritos<sup>9</sup>. No começo, apresentamos um texto que *o próprio frei Harada* escreveu para um colóquio de um pequeno grupo, acontecido em Brasília, em 2008. Nestas anotações simples e profundas, Harada procura sondar o sentido do “-” na expressão “*Da-sein*”, tão importante na meditação de Heidegger. Uma compreensão bem singular da diferença ontológica emerge nestas palavras. Depois, *Emmanuel Carneiro Leão*, nos presentearia com um texto breve e denso de homenagem ao seu amigo, evocado como um “combatente ontológico”. Serve de palavra-guia a sentença de São Paulo (2Tm 4,7): “*tòn kalòn agóna égónismai*” – “combati o bom combate”. A resenha do livro “*Da fidelidade do pensamento – fragmentos de um diário*”, escrita por *Roberto S. Kahlmeyer-Mertens*, põe em evidência como, na mediania cotidiana de nosso pensador, o

---

<sup>8</sup> HARADA, H. *Iniciação à filosofia: exercícios, ensaios e anotações de um principiante amador*. Teresópolis: Daimon, 2009.

<sup>9</sup> Um volume especial da “*Scintilla – Revista de Filosofia e Mística Medieval*”, publicado em 2009 (n.6.3), ano da morte de frei Hermógenes Harada, já trazia contribuições de autores, companheiros, amigos e alunos, que muito aprenderam da experiência do pensar junto a e com ele. Após o editorial de frei Guido Moacir Scheidt, somos presenteados com um texto de Harada, intitulado “Estudar filosofia, um nada?”. Depois, seguem contribuições de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Leonardo Boff, Márcia Sá Cavalcante Schuback, Sérgio Mário Wrublewski, Arcângelo Buzzi, Marcos Aurélio Fernandes, Dorvalino Fassini, Leonardo Ulrich Steiner e Denise Quintão. O número de homenagem termina com duas traduções de textos provenientes de tradições da vida do espírito no Oriente: “Zen e o começo” (Eiko Hanaoka (-Kawamura)) e “O boi e seu pastor”. Depois, de 1 a 3 de julho de 2018 foi realizado um encontro que celebrou os 90 anos de nascimento de frei Hermógenes Harada no Convento São Boaventura, em Rondinha, Campo Largo-Pr. De 16 a 18 de outubro de 2019, por seu turno, foi realizado um encontro celebrativo dos 10 anos de sua morte (21.05.2009). Este encontro se perfez como um seminário em torno de um escrito de frei Hermógenes Harada, intitulado “Verdade e Liberdade”, que está publicado em “Iniciação à Filosofia” (Editora Daimon, 2009, p. 198-292).

extraordinário vigia no ordinário. Emergem as meditações de um homem preocupado em estar atento para ouvir “à coisa mesma”, o retinir do sentido de ser em seu “tom diamantino”, sem se deixar impedir pelos “lios da subjetividade”. Seu empenho era de pensar “com o martelo na mão”, auscultando, a cada vez, a repercussão do sentido de ser. Assim, a existência se tornava “*Lichtung*” – a aberta do ser – em que o seu sentido não só espande como também ressoa.

*Marcia Sá Cavalcante Schuback* homenageia Harada com um texto escrito fundado num diálogo não escrito com ele sobre o cansaço do homem contemporâneo. Oferece elementos de uma fenomenologia do cansaço em conexão com o fenômeno da convalescença. Sua meditação retoma contribuições da tradição médica grega de Asclépio e da noção nietzschiana de convalescença. Traz à luz uma memória preciosa: “Lembro-me também de Frei Hermógenes dizer que, para realmente compreender o sentido do cansaço europeu e da filosofia, era preciso, pensar o cansaço, descrevê-lo, ouvir o que o cansaço nos diz, antes de nos cansarmos ao ler tudo que já se escreveu sobre o cansaço metafísico”.

Continuamos na escuta da ressonância do sentido de ser no que “hoje é” com a meditação de *Gilvan Fogel*. Ela nos dá a pensar evocando a “força do parado” e o sentido do “poder” no contexto da nossa situação, da nossa hora histórica, marcada pela consumação do niilismo europeu. É o momento da paciência, assumida como espera e escuta. “Na paciência, como paciência, em escuta e espera, vem à tona, *salta* vida, existência. E, porque salto (i-mediato, a-byssal), revela-se como o jogado, o à toa, o inútil. Pura gratuidade (e necessidade!), ou seja, sem porquê e sem para quê. Vida como pura transcendência subitamente irrompida — aí e assim a força, o poder”. Podemos chamar também de “autoridade” este poder – vida. Harada encarava bem ao modo franciscano a obediência discipular como ausculta deste poder e a humildade como a inocência deste poder tornado serviço. Nos muitos exercícios de leitura de Nietzsche, de que Gilvan participara, a originalidade desse poder-vida emerge, sempre de novo, como salto abissal de pura gratuidade.

Harada dialogava com o pensamento de Heidegger com muita propriedade. Não era propriamente um “especialista” no ramo da pesquisa sobre Heidegger. Era alguém que descobriu o pensamento de Heidegger e que sabia, sempre de novo, “encontrá-lo” no dito e pensado e “perdê-lo”, abrindo caminho nas vias do não dito e do im-pensado. Algumas contribuições desse dossiê nos convidam a pensar retomando contribuições do pensador da Floresta Negra, que nos oferece não obras, mas caminhos. *Renato Kirchner* elucida a analítica existencial e as estruturas que ela expõe no percurso de Ser e Tempo, especialmente, o fenômeno do ser-no-mundo. Procura ressaltar de modo especial a “mundanidade do mundo em geral e à originalidade do ser-em como tal”. Nos fins dos anos '80 nós pudemos participar juntos, em seminários de vários semestres, da leitura com Harada desta obra fundamental do pensamento contemporâneo, guiados pela sua hermenêutica. Era uma leitura que libertava em nós a força criativa do pensar. *Francisco Moraes* continua sondando a conexão de “poder e liberdade” retomando a e dialogando com a “herança grega”, precisamente, com Tucídides e Aristóteles. “A herança grega

5

consiste na visão de que o exercício do poder possui um caráter liberador. Ao contrário da dominação, o poder deixa livres aqueles que estão em sua órbita". *Affonso Henrique Vieira da Costa*, por seu turno, nos propõe um "Itinerário para a compreensão do texto *Que é metafísica?*, de Martin Heidegger". Em jogo está, neste texto, "um encaminhamento que, ao invés de responder a pergunta, pretende, bem ao contrário, encaminhá-la, de maneira a possibilitar ao leitor uma experiência com o seu sentido mais próprio". A questão, como indica Harada, é uma realização, um engajamento e um envolvimento no e com o próprio questionar, que se faz busca. A questão é um chamado a "abrir em si feridas de questionamento". Assim, uma existência vulnerável para e vulnerada pelo questionamento é melhor do que uma existência intacta. Também *Daniel Rodrigues Ramos*, que pôde conviver com Harada em Goiânia, e que se dedica a abrir caminhos de interpretação do pensamento do "Ereignis" em Heidegger aponta nesta direção de um "abrir fendas e cravar o chão da existência desde a questão do ser assumida como questão de uma vida. Partindo desta perspectiva, ele oferece-nos um estudo acurado da conexão entre verdade e liberdade no "pensamento tardio" de Heidegger. *Luiz Alberto Thomé Speltz Filho*, enfim, com um ensaio, busca tematizar a disposição necessária para a lida com a filosofia. No lugar de encontro da filosofia, que é o silêncio, no exercício do diálogo do pensamento, o pensador deixa de ser objeto de estudo e passa a ser companheiro de conversa.

*Écio Pisetta* dialoga com o pensamento do Harada oferecendo a repercussão em si de um texto do nosso pensador intitulado "Da experiência", que partia de uma poesia chinesa, de Chuang Tzu, intitulada "O Duque de Hwan e o fabricante de rodas". Investia a essência da experiência. "A experiência mostra a vida humana a partir do ponto de vista de seu exercício irremissível e finito". Partindo da elucidação da experiência como "exercício e perigo de ser", põe em questão a aprendizagem e o ensino artesanal da filosofia, em que Harada insistia tanto. Nesta perspectiva, teoria "se mostra essencialmente como experiência de revelação das coisas em seu ser e não como planejamento do que as coisas devam ser". E resgata um aceno importante de Harada: "quando se trata de um trabalho de formação, sério e engajado, o grande problema na práxis não é a prática. É a teoria da teoria e prática que comanda a impositação prática de um formador". Continuamos sondando a experiência lendo a contribuição de *Ênio Paulo Giachini*, que nos convida a pensar o sentido de ser da "limitação humana como vigor da finitude" e ressalta a sua "importância para o crescimento do espírito". Partindo de uma longa convivência na aprendizagem do pensar com Harada, em que sempre de novo se exercitava a retomada do elementar da vida, e recorrendo à interpretação de H. Rombach a respeito dos "elos concêntricos de situações-limite", o autor nos traz a seguinte proposta de pensamento: "A trilha humana encontra sentido na medida em que supera situações-limite e transpõe a si, a realidade, seus semelhantes e o mundo a uma dimensão mais elevada de ser". *Leonardo Mees*, também aluno de Harada e estudioso da fenomenologia de Rombach, nos convida a refletir "A respeito da 'marginalidade' da meditação de sentido (*Besinnung*) ou da in-utilidade da ciência para a vida". A ênfase na "objetivação" e "a confiança excessiva depositada nas 'ciências úteis' à 'correção

da vida” é interpretada em chave de interpretação nietzschiana em termos de “doença” e “convalescença”. A “meditação de sentido” (*Besinnung*) é, então, apresentada como uma forma de convalescença do niilismo e seguida de uma proposta: “Na marginalidade” da meditação de sentido é possível ‘valorar’ (perspectivar) a ‘in-utilidade’ da ciência para a vida”.

Harada pertence à linhagem de pensadores que viveram em profundidade a reunião de “*scientia et sapientia*”, “*ratio et fides*”, “*philosophia et theologia*”, “*intellectus et cor*”. Pensamento e Fé, duas modalidades da existência, que, tomadas “*in abstracto*”, se mostram numa oposição irreduzível, foram reunidas “*in concreto*”, na sua vida de pensador e de frade menor, liberando uma imensa riqueza de perspectivas e abrindo vigorosas possibilidades de realização, como em Agostinho, Anselmo, Bernardo de Claraval, Hugo de São Vítor, Boaventura de Bagnoregio, João Duns Scotus, Tomás de Aquino, Mestre Eckhart, Nicolau de Cusa, Pascal, Kierkegaard, etc. Em jogo está uma experiência de iluminação *sui generis*. Harada estava atento, na serenidade (*Gelassenheit*) do desprendimento (*Abgeschiedenheit*), para captar, sempre de novo, os “flashes” dessa imensa experiência da Revelação (*Alétheia*) cristã chamada “seguimento de Jesus Cristo”. No mais íntimo dessa experiência, a *Alétheia* se doa como *Pobreza* (*Altissima Paupertas – Domina Paupertas*). Sérgio Mário Wrublevski, nos convida a pensar o tema: “A cristidade num mundo em transformação”. Na palavra-guia “cristidade” nos faz apelo o empenho de pensar “a essência da fé cristã enquanto essencialização da existência a partir da força crística”. O artigo nos envia para as vias de uma fenomenologia da experiência da vida fática cristã reconduzindo-nos ao que ela tem de essencial. O autor nos traz uma proposta num horizonte de um “diálogo de mundos”, para usar uma expressão cara a H. Rombach, professor de Harada e do próprio Wrublevski em Würzburg: “A cristidade é antes de tudo fidelidade à inspiração crística a serviço de mundos, no qual o homem terá de partilhar com a consanguinidade de espírito e com a estranheza de mundos: terá de aprender o enraizamento decidido e a indecidibilidade de juízo acerca de mundos estranhos e num sentido total complementares”, diz ele.

São Francisco de Assis fez a experiência da cristidade (Evangelho) desde a tônica da pobreza, que, de resto, Hölderlin e, ultimamente Heidegger, assinalam como algo decisivo para o hoje e o porvir da história das humanidades da terra<sup>10</sup>. ““Tudo se concentra para nós no espiritual, nós nos tornamos pobres, para nos tornarmos ricos”, diz Hölderlin. A pobreza, enquanto tom fundamental (*Grundton*) que entoa e afina (*stimmt*) a humanidades da terra, é que poderia lhes dar o acesso à riqueza essencial.

É neste horizonte que aparecem as reflexões finais deste dossiê. Glória Maria Ferreira Ribeiro tematiza a pobreza em sua conexão com a escuta e a obediência, partindo da experiência da leitura dos escritos do nosso pensador. Ela nos ajuda a captar a pobreza como experiência libertadora e livre da riqueza essencial fontal. A pobreza, mais do que ex-propriação, aparece como a “satisfação do próprio”.

<sup>10</sup> Cf. HEIDEGGER, M. *Zum Ereignis-Denken* (GA 73.1). Frankfurt a.M.: Vittorio Klostermann, 2013, p. 869-882.

“*Ereignis*”. “A satisfação do próprio, no entanto é dinâmica. É algo como a satisfação do vigor da fonte que inesgotavelmente envia a fluência do riacho, a cada instante novo e originário. No envio da fluência, no entanto, a fonte não deixa de ser ela mesma. A satisfação do próprio é a efluência da identidade na diferença, e a afluência da diferença na identidade”. Por fim, o autor destas linhas, procura pensar a experiência do pensar e a experiência do crer, em suas diferenças, desde a identidade da pobreza do espírito, salientando como, a cada vez, está em jogo o relacionamento com o nada, com o abismo. A re-velação do mistério enquanto mistério (desvelamento e velamento) aparece, a cada vez, quer na experiência do pensar, quer na experiência da fé, como o lugar de en-vio de toda a possibilidade de ser. Harada, a nosso ver, caminhou no entremeio entre esses abismos e, no vigor da ausculta (obaudiência), escutou e deixou percutir e repercutir em si clamor do chamado de um para com o outro, como diz o salmo: “*abyssus abyssum invocat*” (o abismo chama o abismo).

### 3

Fora do Dossiê Harada, o atual número de *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* ainda traz, do fluxo contínuo da revista, duas resenhas de relevantes títulos editados recentemente nos cenários nacional e internacional. Em destaque, assim, está a recensão crítica de Marcus Sacrini (USP), da oportuna tradução brasileira do livro de Eugen Fink, “*Presentificação e imagem. Contribuições à fenomenologia da irrealidade*” (Eduel, 2019), assinada por Anna Luiza Coli. Segue-se a esta a resenha de nosso colaborador estrangeiro Jacinto Paéz (Universidad Diego Portales, Chile), que contempla a coletânea de ensaios “*Interpreting Dilthey: Critical Essays*”. (Cambridge University Press, 2019), organizada por Eric S. Nelson.

Certos que com estes conteúdos a Revista reafirma sua missão de difundir a fenomenologia, a hermenêutica e a metafísica na cena brasileira, além de promover a internacionalização de nossos saberes, veicula-se desde já mais este número periódico.